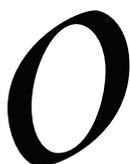


Aziz José de Oliveira Pedrosa

Orientador:
Prof. Dr. André Guilherme
Dorneles Dangelo



TRATADO DE ANDREA POZZO E
SEUS REFLEXOS NA TALHA
DOURADA EM MINAS GERAIS

200

pós-

RESUMO

A produção da talha dourada nas Minas Gerais do século 18 foi possível pela pontual presença de artífices portugueses, que, de diversas regiões do Reino, migraram para o Brasil, diante das boas oportunidades de trabalhos de Arquitetura e ornamentação, nas igrejas que se erguiam na região de Minas. Muitos desses homens, entre arquitetos, entalhadores e demais profissionais que se dedicavam às artes e aos ofícios, foram os responsáveis pelos trabalhos de confecção da talha dourada, ornamentos necessários para deixar as igrejas com a devida decência para abrigar a fé de uma população em plena gênese de formação. Observe-se que foram, esses mesmos homens, os responsáveis por trazer as novidades artísticas vigentes na Europa Barroca para o interior das igrejas de Minas e aqui aclimatá-las, de acordo com as condições locais, tão divergentes do contexto europeu. Entretanto pouco se sabe sobre os modos pelos quais circularam na Capitania de Minas os modelos de Arquitetura e ornamentação, mas a descoberta de pequena biblioteca, sob a posse do entalhador José Coelho de Noronha, abre novos caminhos para debater o assunto, e traz a conhecimento reflexões de que, em Minas Gerais, durante o século 18, circularam tratados de Arquitetura. Assim, o presente artigo discute possibilidades de serem, alguns livros sob a posse de José Coelho de Noronha, os tratados de Arquitetura de Andrea Pozzo, que tiveram grande aceitação e divulgação no mundo artístico europeu e, certamente, incidiram seus reflexos na Capitania de Minas.

PALAVRAS-CHAVE

Arquitetura. Talha dourada. Tratados de arquitetura. Ornamentação. Andrea Pozzo. José Coelho de Noronha.

EL TRATADO DE ANDREA POZZO Y
SUS REFLEJOS EN LOS RETABLOS
BARROCOS EN MINAS GERAIS

RESUMEN

La producción de los retablos en Minas Gerais en el siglo 18, fuera posible debido la presencia de los escultores portugueses, que de diferentes regiones del Reino, se fueron para Brasil debido las buenas oportunidades de trabajo en la arquitectura y la ornamentación de las iglesias que estaban en construcción en Minas. Muchos de estos hombres, entre ellos arquitectos, escultores y otros profesionales que se dedicaban a las artes y oficios, fueron los responsables por las obras de la escultura en retablos, adornos necesarios para dejar las iglesias con la debida decencia para mantener la fe de la población en su génesis de formación. Tenga en cuenta que estos mismos hombres, fueron los encargados de llevar las actualidades artísticas de Europa a las iglesias barrocas de Minas, donde la talla de madera fuera adaptada a las condiciones locales, de modo divergente del contexto europeo. Sin embargo, poco se sabe acerca de las formas que se dieron a conocer en la Capitanía de Minas, los modelos de la arquitectura y la ornamentación, pero el descubrimiento de una pequeña biblioteca en la posesión del escultor José Coelho de Noronha, expone nuevas posibilidades para discutir el tema y aporta conocimientos de que, en Minas Gerais, en el siglo 18, los tratados de arquitectura tenían gran circulación. Por lo tanto, este documento analiza las posibilidades de ser uno de estos libros, debajo de la propiedad de José Coelho de Noronha, los tratados de arquitectura de Andrea Pozzo, cuyos libros tuvieron gran difusión y aceptación en el mundo del arte europeo y, desde luego, influenciaron en el arte y la arquitectura de la Capitanía de Minas.

PALABRAS CLAVE

Arquitectura, retablos, tratados de arquitectura, Andrea Pozzo, José Coelho de Noronha.

VILLA MATARAZZO ON AVENIDA PAULISTA
AND TOMASO BUZZI: DESIGN AND WORKS
(1938-1940)

ABSTRACT

The production of gilded sculpture in Minas Gerais in the 18th century was possible due to the presence of Portuguese craftsmen who came to Brazil from different regions Portugal, searching for good opportunities of architecture and ornamentation works in the church which were built in Minas Gerais. Architects, Woodcarvers and other professionals who dedicated to arts and crafts were responsible to produce the gilded sculpture, needed ornaments to let the churches able to shelter the faith of a population in the middle of formation. These same men were also responsible to bring artistic innovations from the Baroque Europe inside the Minas Gerais' churches and use them according to the local conditions which were different from the European context. However, it's not very known how the architecture and ornamentation patterns spread in the Minas Gerais County, but the discovery of José Coelho de Noronha's small library opens new possibilities to debate this subject and suggests that architecture treatises were very used there in the 18th century. This article talks over the possibility of some of José de Coelho Noronha's books could be Andrea Pozzo's architecture treatise, which were widely accepted and known in European Artistic world and certainly reflected in the Minas Gerais County.

KEY WORDS

Architecture. Gilded sculpture. Architecture treatise.
Ornamentation. Andrea Pozzo, José Coelho de Noronha.

Diversos fatores possibilitaram o desenvolvimento da arte setecentista mineira, mas certamente a circularidade cultural, como citado por Dangelo (2006), foi um importante eixo para que as artes em Minas mantivessem relações diretas com as novidades artísticas em voga no mundo luso-brasileiro, bem como em outras regiões da Europa. Nesse quadro, o conhecimento e as renovações do gosto artístico foram continuamente atualizados, em consonância com as tendências europeias, devido à circulação de pessoas, gravuras, estampas, tratados de Arquitetura e pintura, a importação de obras de arte e objetos variados, constituindo-se, assim, esse importante processo de propagação, em fator essencial para que as artes, em regiões diversas, mantivessem proximidades estilísticas (FERREIRA, 2009, p. 476).

Ainda conforme os estudos de Ferreira (2009, p. 477), além destes meios óbvios de divulgação, em países como Portugal, os objetos de arte efêmera - carros alegóricos, arcos triunfais e outros elementos destinados às ocasiões de celebração, que ornavam a cidade em épocas festivas (desenvolvidos pela criatividade de mestres e arquitetos) - atuavam como fontes de divulgação do repertório artístico coevo. Nesse rol de eventos, em que as novidades artísticas eram divulgadas, citam-se as comemorações do casamento de Dom Pedro II com Dona Maria Sofia Isabel, em 1687, quando as ruas de Lisboa foram tomadas por formas decorativas efêmeras, como pontes, arcos triunfais e palanques. Momento, esse, em que o espaço urbano se transformou em palco para espetáculos visuais, promovidos para demonstrar o poder dos reis e a importância da aristocracia dominante. Talvez tenham sido os objetos de arte efêmera, construídos para essas ocasiões, importante marco, que impulsionou para novos rumos a arte e a Arquitetura portuguesa, no século 18, possibilitando ao Reino conhecer as novidades e variedades do repertório estético vigente em países como Espanha e Itália.

Assim, foi por meio de tais veículos de informação que, em grande velocidade, dissipou-se pelo território europeu todo o repertório artístico barroco, em fins dos seiscentos, se estendendo aos setecentos, nos eixos Itália – Portugal, Espanha - Portugal e, posteriormente, entre Portugal e sua Colônia brasileira, assuntos estes já decididamente comprovados pela historiografia da arte.

Para se compreender o contexto desses eventos de circulação das artes em Minas, deve-se primeiramente observar o modo pelo qual se deram os mesmos acontecimentos na Metrôpole. Não apenas pela condição de submissão colonial na qual se encontrava o Brasil no século 18, mas principalmente por terem sido, a arte e a Arquitetura brasileira setecentista, uma construção apropriada e aclimatada, a partir de um modelo vigente no universo português, que não apenas irradiou para sua Colônia os conceitos fundamentais da arte e da Arquitetura, como também forneceu a mão de obra especializada, necessária para tal.

Dos prováveis agentes de propagação dos conceitos e estéticas artísticas e arquitetônicas vigentes em Portugal, principalmente no século 18, merece destaque a tratadística estrangeira, sobressaindo-se a italiana e a espanhola, que tiveram ampla divulgação em território luso, por meio das obras de Leon Battista

Alberti, Sebastiano Serlio, Andrea Palladio e Iacomo Barozzi da Vignola, dentre outros. Ressalte-se a obra do ornamentista Filippo Passarini, *Nuove Inventioni*, publicada em Roma, em 1698¹. Esta publicação trouxe vasto repertório ornamental, com modelos de talha que foram grandes fontes de divulgação, amplamente consultados por artistas e arquitetos portugueses. Outro tratado de relevância, no contexto do barroco português, foi a obra, do italiano Andrea Pozzo (1642-1709), *Perspectiva pictorum et architectorum*², organizada em dois tomos, dos quais o segundo apresenta elementos empregados nos retábulos do Estilo Joanino³, sendo este uma estética particular do modo português de conceber a talha dourada. Os desenhos e as obras de Francesco Borromini, Gian Lorenzo Bernini, Alessandro Algardi e Giovanni Paolo Schor (FERREIRA, 2002, p. 80) podem ser também considerados influências da arte seiscentista romana na talha portuguesa.

O conhecimento do uso de tratados de Arquitetura em Portugal abre precedente para discussões acerca das possíveis influências exercidas pela tratadística barroca na Arquitetura setecentista mineira, como já analisado por estudiosos do assunto. Mas ainda é preciso aprofundar as pesquisas referentes aos reflexos que os tratados de Arquitetura e ornamentação exerceram sobre a talha dourada em Minas, na tentativa de se compreender esse universo não explorado em sua totalidade.

Ficam no campo hipotético, tais assuntos, principalmente pelo desconhecimento de documentação primária, em que constem citações detalhadas referentes à existência de livros de arte, de Arquitetura e ornamentação, nas principais vilas da Capitania de Minas, durante o século 18. Apenas em alguns casos, são encontrados relatos coevos, em que foi levantada a existência desses livros. Em contrapartida, é certo que, mesmo não sendo conhecidas as reais fontes de influência da tratadística na talha dourada mineira, deve-se considerar a existência de tais eventos, visto a erudição não ser aspecto restrito apenas aos países que se encontravam em situação de maior desenvolvimento, no tangente ao mundo das artes e dos ofícios. Entretanto, por meio das pesquisas empreendidas acerca da vida e obra do renomado entalhador lisboeta José Coelho de Noronha⁴ (1704 – 1765), ativo em Minas Gerais, na primeira metade do século 18, novos conhecimentos a esse respeito vieram a público, pois foi constatada a existência de pequena biblioteca, arrolada em seu inventário, em que constavam livros referentes à Arquitetura e ornamentação. Diante de informação tão pouco conhecida pela historiografia da arte mineira, a posse desses livros suscita questões diversas e demonstra a existência, e provável circulação, de livros de Arquitetura e ornamentação na Capitania de Minas.

Os livros deixados por Noronha podem ser divididos entre aqueles utilizados para o uso profissional, no campo das artes e da Arquitetura, e os de religião. Conforme Villata, ao realizar pesquisa sobre livros e bibliotecas em Minas Gerais no século 18, “[...] os livros, eram, principalmente, usados para o exercício profissional ou como instrumento de vivência de fé” (VILLATA, 2007, p. 303). Os livros com estampas de Arquitetura, juntamente com outros dois livros de Arquitetura, certamente foram fontes de referência para o trabalho de Noronha, permitindo também comprovar a tese defendida por inúmeros autores, dentre eles, Oliveira (2003), de que gravuras e tratados de arte e Arquitetura circulavam na Colônia brasileira, durante o século 18, servindo como fonte de repertório para os

¹ Sobre os tratados e as fontes de divulgação da arte e da arquitetura em Portugal, nos séculos XVII e XVIII, ver: FERREIRA, Sílvia Maria Cabrita Nogueira Amaral da. *A Talha Barroca de Lisboa (1670-1720)*. Os Artistas e as Obras. Orientador: Vitor Serrão. 2009. 3v. Tese (Doutorado em História) – Faculdade de Letras, Departamento de História, Universidade de Lisboa, Lisboa, 2009, p. 476 – 488.

² POZZO, Andréa. *Perspectiva Pictorum et Architectorum*. v. 2, Roma: 1717.

³ Sobre o Estilo Joanino em Portugal, ver: SMITH, Robert C. *A talha em Portugal*. Lisboa: Livros Horizontes, 1962.

⁴ Sobre vida e obra do entalhador José Coelho de Noronha, ver: PEDROSA, Aziz José de. *José Coelho de Noronha: artes e ofícios nas Minas Gerais do Século XVIII*. 2012. 313 f. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) – Escola de Arquitetura, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2012.

profissionais das artes no referido período. Essas demonstrações colocam em xeque, mais uma vez, a ideia já superada de que os artistas que em Minas laboraram viviam em total isolamento, desconhecendo as tendências artísticas e arquitetônicas que ocorriam em outros países.

A posse dessas publicações, como fontes de informação para uso profissional, demonstra a erudição do mestre José Coelho de Noronha, que foi não apenas entalhador, mas também realizou trabalhos no campo da Arquitetura, como citado a seguir:

Dos diversos pontos proeminentes da obra de Coelho de Noronha, merece cuidado sua atuação como arquiteto. José Coelho de Noronha define-se como arquiteto ao efetuar o risco da Matriz de São João Batista em Barão de Cocais. Este fato denota, mais uma vez, sua importância devido à versatilidade em transitar entre os ofícios de entalhador e arquiteto, apesar de não terem existido limites rígidos entre os ofícios à ocasião em que esteve ativo. (PEDROSA, 2012, p. 73)

⁵ ARQUIVO DO ESCRITÓRIO TÉCNICO II DO IPHAN – São João del-Rei. Inventário, 1765 – Noronha, José Coelho de. Inventariante: Leitão, Sebastião Ferreira. Caixa: 345. f. 21, 21v.

O livro de estampas arquitetônicas e os dois livros de Arquitetura podem ser considerados somatórios para o bom desenvolvimento profissional de Coelho de Noronha. Segundo Pericão (1990, p. 191), a decoração dos edifícios gerou obras destinadas ao tema, que, geralmente, eram acompanhadas de estampas com os pormenores ornamentais das decorações dos interiores e exteriores. Eram, portanto, essas publicações:

[...] obras profusamente ilustradas, cujas estampas levavam o seu tempo a gravar; são, na sua grande maioria, gravuras de madeira ou de fino traço de buril, de cuidadoso desenho e assinadas por grandes nomes, as que ilustravam estas obras, muitas das quais são formadas por mais do que um volume: isto as tornava, além de lentas na composição tipográfica, pouco acessíveis no ponto de vista da aquisição, dado seu elevado preço [...]. (PERICÃO, 1990, p. 191)

Do livro de estampas de Arquitetura, não se tem, até o momento, comprovação nem mesmo especulações sobre seu autor ou de que período possa ser. Isso ocorre devido à existência de inúmeras obras destinadas ao tema em circulação no século 18. Todavia, ainda que se tenha conhecimento de que a formação de Noronha ocorreu no seio da escola lisboeta de talha, e que sua obra manteve estreitas relações de afinidades com a linguagem ornamental de certos livros dedicados à ornamentação circulantes na época em Lisboa, não é possível apontar prováveis referências, pois sua obra em Minas Gerais, apesar de consonante com a arte do período em Portugal, foi aclimatada em solo mineiro, para se adequar às condições locais disponíveis.

Entretanto os livros de Arquitetura primeira e segunda partes⁵, cuja autoria não está mencionada no referido inventário, despertam a atenção e instigam investigações que forneçam dados a esse respeito. A ausência de comprovações documentais, porém, possibilita que o assunto seja tratado apenas no campo hipotético, pois não obtiveram sucesso as diversas buscas empreendidas, na tentativa de se localizar as mencionadas publicações. A ciência de tais informações contribuiria para que se pudessem conhecer as fontes nas quais se referenciava Noronha, para execução de seus trabalhos, bem como estruturar

algumas das influências, de grande erudição, que se fizeram presentes na talha dourada executada nas igrejas setecentistas mineiras, visto José Coelho de Noronha ter sido um dos entalhadores mais influentes no século 18, e que contribuiu, diretamente, para a configuração estética da talha na Capitania de Minas. Nesse sentido, procurou-se compreender essas questões por meio do estudo da obra de talha comprovadamente realizada por Noronha, de modo a poder avançar o conhecimento e aproximar-se de prováveis conjecturas que contribuam para esclarecer quais eram esses livros.

Para subsidiar e formular hipóteses a esse respeito, no decorrer desses estudos, tomou-se como partido norteador a talha lisboeta e a tratadística de Arquitetura circulante em Portugal no período, ambas contemporâneas à formação e atuação de Noronha, visto ser conhecida a existência de diversas publicações referentes ao tema, durante o período, em Portugal. Para tanto, compreende-se que as obras de talha de gosto joanino, principalmente as lisboetas, foram empreendidas debaixo de influências italianas, tendo sido incisivos os ensinamentos de diversos tratadistas, entre eles, Andrea Pozzo.

Ao fazer levantamento sobre a tratadística de arte e Arquitetura presentes na Biblioteca da Academia de Belas Artes de Lisboa, Maria da Graça Pericão (1990) comprovou a presença dos tratados do Pozzo em Portugal, e mapeou três exemplares da referida publicação, no acervo pesquisado. Essa informação vem a comprovar a existência, em Lisboa, dos livros do Pozzo, cuja influência pode ser notada, por exemplo, na talha do retábulo-mor da Igreja dos Paulistas (1727 – 1730), obra monumental do renomado entalhador Santos Pacheco de Lima, que certamente encontrou em Pozzo precioso repertório de fundo arquitetônico para emprego ornamental.

Essas e outras situações abrem precedentes para discussões que visem compreender a possibilidade de Coelho de Noronha ter mantido contato com os ensinamentos de Andrea Pozzo e, conseqüentemente, ter empregado tais conhecimentos em suas obras de talha. Nesse sentido, deve-se apoiar no exame dos trabalhos de talha de Coelho de Noronha, para confrontar tais probabilidades e assim compreender as diversas relações existentes entre a obra de Noronha e o tratado do Pozzo, visando compreender a irradiação da tratadística e da erudição na talha setecentista mineira, bem como conhecer um pouco mais sobre alguns dos livros por Noronha utilizados. Informações, essas, pouco comuns em acervos de artífices que em Minas laboraram em prol da Arquitetura, da arte e da fé. Salienta-se que este é um dos métodos passíveis de ser utilizados, quando a não localização dos mencionados livros e a ausência de documentação primária, deixa lacunas não preenchidas.

Assim, admite-se, por hipótese, serem os citados livros de Arquitetura, primeira e segunda partes⁶, descritos no inventário de Noronha, os tratados de Andrea Pozzo, compostos de estampas de Arquitetura e pintura. As reflexões acerca desse assunto são subsidiadas pela análise morfológica da obra de Coelho de Noronha, que revela correspondência com as imagens e ensinamentos do mencionado tratado, considerando-se a popularidade que tiveram os ensinamentos de Andrea Pozzo em Lisboa, cidade onde nasceu⁷ Noronha e na qual fora ele iniciado no ofício da talha.

⁶ ARQUIVO DO ESCRITÓRIO TÉCNICO II DO IPHAN – São João del-Rei. Inventário, 1765 – Noronha, José Coelho de. Inventariante: Leitão, Sebastião Ferreira. Caixa: 345. fl. 21, 21v.

⁷ A origem lisboeta de José Coelho de Noronha tem muito a informar. Certamente foi ele iniciado no mundo da arte próximo a grandes nomes da talha e da arquitetura, visto não somente a erudição de seu trabalho e o destaque que obteve entre seus pares na Capitania de Minas, mas principalmente devido aos modos pelos quais seus retábulos eram estruturados, com organização espacial, esquemas e partidos diretamente relacionados às novas informações disseminadas pelos tratados de Andrea Pozzo, que influenciaram a produção da talha retabular lisboeta do período.

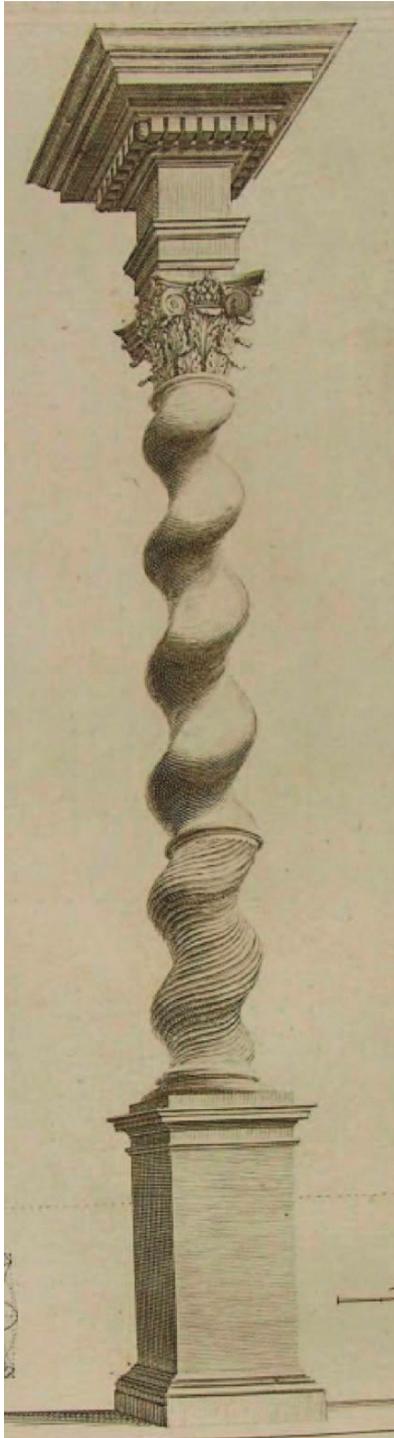


Figura 1: Coluna espiralada de ordem compósita, figura 52 do tratado de Andrea Pozzo. Fonte: POZZO *et al.*, 1764.

O irmão jesuíta Andrea Pozzo (1642-1709) publicou, entre os anos de 1693 e 1700, os dois volumes de seu importante tratado de Arquitetura e pintura, em que foram expostos os recursos arquitetônicos e ornamentais utilizados pelo barroco romano, em fins do século 18. No tomo II da mencionada publicação, há projetos ilustrados para altares de igrejas, em que Pozzo lança mão da perspectiva, para criar a ilusão de espaços reais. Este tratado teve grande abrangência em Portugal, onde suas figuras foram amplamente utilizadas pelos arquitetos e entalhadores, principalmente durante as primeiras décadas do século 18.

Sobre esse tratado, diversas considerações podem ser feitas, a começar pelo uso de elementos de Arquitetura, tais como frisos, cornijas, arquivadas, utilizados desde a antiguidade clássica, passando por renovações, em períodos diversos, e que no tratado de Andrea Pozzo reaparecem reeditados, mas sem se criar novas formas. A novidade divulgada por Pozzo ficou, portanto, não nas formas ilustradas, mas no livre modo de manipulá-las, feito a seu gosto, sugerindo, aos que nele se referenciavam, a liberdade para rearranjar as formas de modos variados. Essas proposições serviram ao imaginário criativo do barroco português setecentista, que, na produção da talha, teve grande aceitação, contribuindo para elaboração de destacadas configurações formais e estéticas, em que os elementos de Arquitetura ficavam disponíveis ao livre controle da criatividade dos entalhadores, possibilitando formatações diversas. Peculiaridades, estas, que caracterizam a talha dourada portuguesa.

Acredita-se terem ecoado os ensinamentos de Pozzo na Capitania de Minas, possivelmente divulgados pelas obras dos artistas e artífices portugueses que, pelas terras do ouro, laboraram, e também pela circulação de gravuras, estampas e livros de Arquitetura, presentes em pequenas bibliotecas particulares dos artistas de maior erudição. Entre os vários nomes que se pode citar, tem-se o de José Coelho de Noronha, cuja aprendizagem nas oficinas de talha lisboeta sinaliza as prováveis influências que possa ter ele sofrido. Além disso, a existência de dois livros de Arquitetura, arrolados no inventário de Noronha, sugere terem sido essas algumas de suas fontes de estudo, ainda que não tenham sido mencionados quais eram esses livros, nem mesmo o nome do autor, recebendo apenas a descrição de se tratarem de “dois livros de Arquitetura primeira e segunda partes”. Essa citação, junto a outros indícios já mencionados, possibilita cogitar algumas hipóteses, e leva a crer serem, esses livros, o tratado do Pozzo, principalmente por este ter sido publicado em dois volumes: primeira e segunda parte, informação que coincide com a descrição do inventário supracitado.

Nota-se, no tratamento conferido por Noronha à talha dourada, a presença de alguns elementos descritos e ilustrados nos dois volumes do Tratado do Pozzo. A exemplificar estas

semelhanças, cita-se o uso do capitel compósito⁸ (figura 2), o entablamento em cimalha denticulada e escalonada⁹, e a coluna salomônica, sendo esta recurso ornamental e cênico amplamente utilizado por Noronha, o que demonstra estreitas relações de identidade com a figura 52¹⁰ do livro do Pozzo. Estes e outros elementos decorativos podem ser vistos nos retábulos-mores das Matrizes de Caeté (figura 5) e de São João del-Rei¹¹, com certo destaque para as colunas salomônicas, empregadas nos retábulos citados e concebidas com traços muito próximos à figura quinquagésima segunda do tratado do Pozzo.

A coluna salomônica ilustrada por Pozzo (figura 1) foi um elemento constante em obras de artistas e ornamentistas, desde princípios do século 16, apesar de ter sua origem em períodos anteriores, como demonstrado por Marcos Hill (1993). Entretanto será amplamente conhecida e representada, a partir do Baldaquino (1624-1633) projetado por Gian Lorenzo Bernini para a Basílica de São Pedro, em Roma. É por meio dessa monumental obra, que a coluna salomônica obtém maior popularidade e passa a integrar o repertório ornamental do barroco.

⁸ Figura 25. POZZO, Andrea. *Perspectiva pictorum et architectorum Andreae Putei e societate Jesu. Pars prima. In qua docetur modus expeditissimus delineandi optice omnia, quae pertinent ad Architecturam. Romae MDCCCLXIV. Ex apud Joannem Generosum Salomoni. Typographum, et Bibliopolam. Praesidium Facultate.*

⁹ Figura 35. POZZO, Andrea. *Perspectiva pictorum et architectorum Andreae Putei e societate Jesu. Pars secunda. In qua proponitur modus expeditissimus delineandi optice omnia, quae pertinent ad Architecturam. Romae MDCCCLVIII. Ex apud Joannem Generosum Salomoni. Typographum, et Bibliopolam. Praesidium Facultate.*

¹⁰ A citação das figuras nesta seção (exemplo: figura 52) corresponde à numeração apresentada nos dois volumes do tratado de Andrea Pozzo.
Figura 52. POZZO, Andrea. *Perspectiva pictorum et architectorum Andreae Putei e societate Jesu. Pars prima. In qua docetur modus expeditissimus delineandi optice omnia, quae pertinent ad Architecturam. Romae MDCCCLXIV. Ex apud Joannem Generosum Salomoni. Typographum, et Bibliopolam. Praesidium Facultate.*

¹¹ Nestes dois retábulos-mores, comprovadamente, atuou José Coelho de Noronha na fábrica da talha.



Figura 2: Capitel compósito em perspectiva, figura 25 do tratado de Andrea Pozzo.
Fonte: POZZO *et al.*, 1764



Figura 3: Altar do Beato Luigi, da Igreja de Santo Inácio do Colégio Romano, figura 62 do tratado de Andrea Pozzo. Fonte: POZZO *et al.*, 1764.

Posteriormente ao projeto de Bernini, Pozzo divulga, em seu tratado, um modelo de coluna salomônica de ordem compósita, com o terço inferior estriado. A estruturação proposta por Pozzo para esta coluna foi amplamente utilizada nos projetos para retábulos do barroco joanino português. Esse modelo de coluna foi utilizado nos trabalhos de talha do entalhador Santos Pacheco de Lima, para o retábulo-mor da Igreja dos Paulistas em Lisboa, e nos retábulos de Nossa Senhora da Soledade e do Senhor Jesus Crucificado, ambos localizados na Igreja de São Miguel, no bairro lisboeta de Alfama. Esses retábulos tiveram importante papel de multiplicadores na divulgação do Estilo Joanino no mundo luso-brasileiro. Ressalta-se, todavia, que na proposta do Pozzo (fig. 52 do tratado) inexistia aplicação de guirlandas de flores nos sulcos da coluna. Essa característica aparece na figura sexagésima segunda (figura 3) do tratado em análise, mas sem aplicação de flores em relevo, como girassóis e rosáceas, elementos florais comuns nas colunas salomônicas dos retábulos joaninos e que podem ser considerados uma característica da talha portuguesa, já existente no anterior Estilo Nacional Português, quando eram aplicadas nas colunas torsas.

Sobre a figura de número 62¹² do tratado do Pozzo, deve-se ressaltar também a estrutura retabular, proposta que ilustra configuração próxima aos modelos que tiveram comprovadamente a atuação do entalhador José Coelho de Noronha. O referido projeto, ainda que constituído por poucos ornamentos aplicados, é formado por sobressaltadas construções de caráter arquitetônico, em que a base retabular possui movimentação reentrante, prolongada para as demais estruturas verticais do retábulo. Os elementos de sustentação ilustrados (figura 62 de Andrea Pozzo) são dispostos aos pares, terminados em sua porção superior por capitéis, seguidos por entablamento marcado por construções em perspectiva. Encimando estas colunas, fragmentos de frontões interrompidos são dispostos no prolongamento das colunas internas do retábulo, onde se assentam anjos adultos em adoração à cena central do coroamento. As colunas externas receberam a presença de anjos alados. Tais elementos, descritos na figura sexagésima segunda do livro do Pozzo, foram abordagens estruturais, estéticas e estilísticas que certamente se fizeram presentes na obra retabular de Coelho de Noronha, principalmente nos retábulos-mores das igrejas Matriz de Nossa Senhora do Bom Sucesso (figura 5), em Caeté, e Nossa Senhora do Pilar, em São João del-Rei. Deve-se, por fim, ressaltar que o arremate ilustrado na figura em análise é próximo aos modelos utilizados por Noronha nos retábulos-mores citados, ainda que, neles, a organicidade da forma tenha sido marcante, em contraposição aos partidos adotados na figura do Pozzo, o que não a destitui de suas estreitas ligações com o mesmo motivo da figura 62 do tratado supracitado.

Em outros trabalhos realizados por Noronha, vê-se que o uso de alguns elementos também se relaciona com as ideias divulgadas no tratado do Irmão Pozzo. Cita-se, a exemplificar, o uso de adornos curvos no coroamento do retábulo de São Miguel e Almas, da Sé de Mariana (figura 4), no qual Noronha promove interferências no risco¹³ que se aproximam, morfologicamente, dos mesmos elementos utilizados por Pozzo no coroamento do retábulo ilustrado na figura 62 de seu tratado. A documentação existente relata algumas questões que sucederam na confecção do retábulo de São Miguel e Almas, informando que José Coelho de Noronha promoveu modificações no risco do retábulo, para que os pilares ficassem mais longos¹⁴ comprovando, assim, ser inerente às

¹² Figura 62. POZZO, Andrea. *Perspectiva pictorum et architectorum Andreae Putei e societate Jesu. Pars secunda. In qua proponitur modus expeditissimus delineandi opticè omnia, quae pertinent ad Architecturam. Romae MDCCLVIII. Ex apud Joannem Generosum Salomoni. Typographum, et Bibliopolam. Praesidium Facultate.*

¹³ ARQUIVO DA CASA SETECENTISTA DE MARIANA – Ações cíveis. Códice 251 - Auto 6217, Cartório do 2º ofício, fl. 21.

¹⁴ ARQUIVO DA CASA SETECENTISTA DE MARIANA – Ações cíveis. Códice 251 - Auto 6217, Cartório do 2º ofício, fl. 34.

preferências escultóricas de Noronha a aplicação dos efeitos de verticalidade nos retábulos, uma abordagem em que a obra de talha é regida pela monumentalidade, obtida pelo uso de recursos de cunho arquitetônico, sendo essa uma das características mais notáveis das ilustrações divulgadas por Andrea Pozzo.

Um dos efeitos determinantes para promoção da verticalidade no retábulo de São Miguel e Almas, aplicado por Noronha, foi inserido nas colunas torsas que se estendem pela parte central do retábulo, conferindo movimentação ao conjunto onde se encontram. Destaca-se que essas mesmas colunas se assemelham, em forma e volume, às colunas torsas desenhadas por Pozzo, na figura de número 62 de seu tratado. São muitas as relações de identidade entre ambas as colunas, possuindo o mesmo número de espiras e a mesma gradação de volume, que se reduz da base até a parte mais elevada da coluna. Outro elemento comum nos trabalhos do Pozzo são as volutas¹⁵, que foram amplamente empregadas por Noronha, em seus diversos trabalhos de talha.

Certamente os ensinamentos do Pozzo cabiam perfeitamente aos anseios barrocos, onde os elementos de Arquitetura e da tipologia clássica tinham apenas a intencionalidade de criar efeitos de monumentalidade, como demonstra Argan (2004), ao analisar o uso de tais elementos na Arquitetura barroca italiana. Em analogia, as reflexões de Argan podem ser trazidas para o mundo dos retábulos, em que o uso das colunas não mais possuía a função de suporte, sendo apenas responsáveis pelo caráter decorativo e simbólico de sustentação da fé, que, por sua vez, passava por intenso programa de reafirmação, na busca incisiva por se recuperar os fiéis abalados pela Reforma Protestante. Além disso, alguns elementos de Arquitetura construíam possíveis espacialidades imaginadas. Sobre essa tendência, Argan (2004, p. 122) ilustra que, na Arquitetura barroca, as colunas se integram às cornijas, entablamentos e a sucessivos planos, buscando não a representação de um espaço tectônico, e sim de um espaço visual. Pensamento esse aplicável à construção dos retábulos que atuavam como elementos alegóricos, definidores dos espaços internos das igrejas. Nesse sentido, o tratado do Pozzo servia bem ao barroco, cujo uso da perspectiva criava a espacialidade necessária para se promover a ilusão de espaços reais, por meio de pequenas construções arquitetônicas.

A esse respeito, no universo do barroco italiano, vê-se que a versatilidade de arquitetos como Gian Lorenzo Bernini, que atuaram não apenas no mundo da Arquitetura¹⁶, mas também da escultura, possibilitou o pleno desenvolvimento e integração das massas arquitetônicas à ornamentação. Tal situação é sentida também no mundo luso-brasileiro, na busca pela dinâmica barroca, quando o trânsito entre os ofícios, a arte e a Arquitetura possibilitou, ao entalhador, em sua função de decorador, atuar em um espaço arquitetônico já determinado, recorrendo à plasticidade da linguagem ornamental, para integrar as partes internas da Arquitetura. Tudo isso, lançando mão de conceitos estéticos como ritmo e simetria, elementos fundamentais que iam de encontro ao ideal barroco de unidade e de integração da decoração com a Arquitetura, eliminando dissociações prováveis, visto que a decoração não era, na maioria dos casos, planejada juntamente com o projeto arquitetônico, sendo muitas vezes realizada após a edificação dos templos, já em contextos diferentes daqueles que engendraram a massa arquitetônica.

¹⁵ Figura 78. POZZO, Andrea. *Perspectiva pictorum et architectorum Andreae Putei e societate Jesu. Pars secunda. In quâ proponitur modus expeditissimus delineandi opticè omnia, quae pertinent ad Architecturam. Romae MDCCLVIII. Ex apud Joannem Generosum Salomoni. Typographum, et Bibliopolam. Praesidium Facultate.*

¹⁶ Essa dualidade entre a atuação de arquiteto e entalhador foi comum também nas Minas dos setecentos, onde não existiam limites rígidos entre os ofícios, o que possibilitou que entalhadores exercessem atividades como santeiros e arquitetos (BOSCHI, 1988, p. 48).

Assim, a talha no barroco exigiu de seus executores o pleno domínio da Arquitetura, obtido por meio da utilização, indispensável, da perspectiva, na manipulação de formas e volumes. Argan (2004, p. 455), ao falar sobre Pietro da Cortona (1596-1669), defende a importante ideia de que o pintor promove a articulação dos espaços imaginários da pintura com os espaços reais da Arquitetura. Em analogia, no mundo da talha de José Coelho de Noronha, de suas construções ilusórias, a alegoria dos retábulos por ele executados certamente visava obter esses conceitos de articulação dos espaços, da monumentalidade e da verticalidade, que somente foram possíveis pelo imprescindível uso da perspectiva. Fundamentos esses norteadores da produção de Noronha, encontrados no barroco seiscentista romano, principalmente nas formulações expedidas por Andrea Pozzo, que recorre às formas de dosséis com sanefas, fragmentos de frontões curvos interrompidos, volutas e colunas salomônicas, para construir a plasticidade e o volume arquitetônicos a serem aplicados às estruturas dos prédios e retábulos.

Figura 4: Retábulo de São Miguel e Almas, Sé de Mariana. Fonte: Foto do autor



Figura 5: Retábulo-mor da Matriz de Nossa Senhora do Bom Sucesso (Caeté).
Fonte: Foto do autor



Atentos aos ensinamentos de Andrea Pozzo, os entalhadores portugueses lançaram mão de conceitos similares, para conferir à ornamentação, materializada pela talha dourada, seu caráter surpreendente, visto ser o ornamento, para o barroco, elemento fundamental da construção do senso de espacialidade. Tais efeitos eram aprimorados e levados a cabo pelas mãos dos entalhadores de maior erudição, principalmente aqueles que estavam diretamente ligados ao mundo da Arquitetura, e que conseguiram imprimir nos retábulos os conceitos fundamentais da Arquitetura barroca: a disposição dos volumes, orientados pela perspectiva, para construir espaços ilusórios, por meio da sobreposição de planos e volumes definidos pelo jogo de luz.

Desse modo, muitos entalhadores encontraram no barroquismo divulgado por Pozzo a possibilidade de manipular elementos da Arquitetura clássica e adaptá-los às construções retabulísticas, em que a sensível redução de escala não comprometia a harmonia do conjunto, nem mesmo desfavorecia os efeitos de

monumentalidade. Ressalta-se que o uso de formas, perspectiva, elementos de Arquitetura e escultura, peculiares às preferências de Pozzo, na busca por se criar a ilusão de espaços reais, foi de larga aceitação na escola de talha lisboeta, onde certamente se formou Noronha e cuja influência se nota, também, na obra de outros entalhadores lisboetas, como Santos Pacheco de Lima, Manuel de Brito e Francisco Xavier de Brito. As relações existentes entre a talha dourada do barroco português e os ensinamentos de Andrea Pozzo, bem como os reflexos incididos na talha mineira, onde a presença de entalhadores portugueses se deu em número expressivo, são algumas das evidências que colaboram para se compreender um pouco mais sobre o pequeno acervo bibliográfico deixado por Noronha.

Nesse sentido, evidenciam-se algumas afinidades existentes entre a obra do Pozzo e a de José Coelho de Noronha. A tentativa de se averiguar serem os livros de Arquitetura, deixados por Noronha, os tratados de Andrea Pozzo é motivada não apenas pelas relações de estreitas afinidades entre os ensinamentos do tratadista italiano e a produção artística do entalhador lisboeta, mas também por ter sido, o tratado do Pozzo, obra de grande consulta no universo artístico luso-brasileiro. Por fim, espera-se que, a partir das questões levantadas, pesquisas futuras possam ser empreendidas, para que se possa averiguar a extensão do tema proposto, visto, ainda, ser cercado de lacunas não preenchidas.

REFERÊNCIAS

- ARGAN, Giulio Carlo. *Imagem e persuasão: ensaios sobre o barroco*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004. 632 p.
- ARQUIVO DA CASA SETECENTISTA DE MARIANA. Ações cíveis. Códice 251 - Auto 6217, Cartório do 2º ofício.
- ARQUIVO DO ESCRITÓRIO TÉCNICO II DO IPHAN (São João del-Rei). Inventário, 1765 – Noronha, José Coelho de. Inventariante: Leitão, Sebastião Ferreira. Caixa: 345.
- BOSCHI, Caio César. *O Barroco Mineiro: artes e trabalho*. São Paulo: Brasiliense, 1988. 78 p.
- DANGELO, André Guilherme Dornelles. *A cultura arquitetônica em Minas Gerais e seus antecedentes em Portugal e na Europa: arquitetos, mestres de obras e construtores e o trânsito de cultura na produção da arquitetura religiosa nas Minas Gerais Setecentistas*. 2006. 4 v. Tese (Doutorado em História) - FAFICH, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2006.
- FERREIRA, Sílvia Maria Cabrita Nogueira Amaral da. *A talha dourada do altar-mor da Igreja de Santa Catarina, em Lisboa*. 2002. 174 p. Dissertação (Mestrado em História) – Departamento de História, Universidade Lusíada de Lisboa, Lisboa, 2002.
- FERREIRA, Sílvia Maria Cabrita Nogueira Amaral da. *A talha barroca de Lisboa (1670-1720): os artistas e as obras*. 2009. 3v. Tese (Doutorado em História) – Faculdade de Letras, Departamento de História, Universidade de Lisboa, Lisboa, 2009.
- HILL, Marcos. A coluna salomônica: uma perspectiva histórica sobre um elemento ornamental. *Revista Barroco*, Belo Horizonte, UFMG, 1993/6, n. 17, p. 231-236.
- OLIVEIRA, Myriam Andrade Ribeiro de. *O rococó religioso no Brasil e seus antecedentes europeus*. São Paulo: Cosac e Naify, 2003. 343 p.
- PEDROSA, Aziz José de. *José Coelho de Noronha: artes e ofícios nas Minas Gerais do Século XVIII*. 2012. 313 f. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) – Escola de Arquitetura, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2012.
- PERICÃO, Maria da Graça. Tratadística de arte dos séculos XVII e XVIII existente na Biblioteca da Academia das Belas Artes de Lisboa. *Barroco*, Belo Horizonte, n. 15, p. 189-218, 1990-1992.

POZZO, Andrea. *Perspectiva pictorum et architectorum Andreae Putei e societate Jesu. Pars prima*. In quâ docetur modus expeditiffimus delineandi opticè omnia, quae pertinent ad Architecturam. Romae MDCCLXIV. Ex *apud* Joannem Generosum Salomoni. Typographum, et Bibliopolam. Praesidium Facultate, 1764.

POZZO, Andrea. *Perspectiva pictorum et architectorum Andreae Putei e societate Jesu. Pars secunda*. In quâ proponitur modus expeditissimus delineandi opticè omnia, quae pertinent ad Architecturam. Romae MDCCLVIII. Ex *apud* Joannem Generosum Salomoni. Typographum, et Bibliopolam. Praesidium Facultate,

SERRÃO, Vitor. *História da arte em Portugal – o Barroco*. Lisboa: Editorial Presença, 2003. 302 p.

SMITH, Robert C. *A talha em Portugal*. Lisboa: Livros Horizontes, 1962. 192 p.

VILLATA, Luiz Carlos. Ler, escrever, bibliotecas e estratificação social. In: LAGE, Maria Efigênia;

VILLATA, Luiz Carlos de (Org.). *História de Minas Gerais: as minas setecentistas*. Belo Horizonte: Autêntica; Companhia do Tempo, 2007. v. 2, cap. 3, p. 288-311.

WITTKOWER, Rudolf. *Escultura*. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001. 301 p.

Nota do Autor

O presente trabalho é decorrente da pesquisa de mestrado em Arquitetura e Urbanismo do autor. Ver: PEDROSA, Aziz José de. *José Coelho de Noronha: artes e ofícios nas Minas Gerais do Século XVIII*. 2012. 313 f. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) – Escola de Arquitetura, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2012.

Nota do Editor

Data de submissão: Abril 2013

Aprovação: Setembro 2013

Aziz José de Oliveira Pedrosa

Doutorando em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG); mestre em Arquitetura e Urbanismo e especialista em História e Cultura da Arte pela mesma instituição; bacharel em Design pela Universidade Estadual de Minas Gerais (UEMG).

Rua Fernando Linhares Guerra, 160, Centro

34800.000 – Caeté, Minas Gerais, MG, Brasil

(31) 3651-1449 e (31) 9206.6277

azizpedrosa@yahoo.com.br